



## SOL DA MEIA NOITE

Crítica do espetáculo *Despedida*, concebido por Sol Negro e noite abissal, apresentada no âmbito na 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa

Por Felipe Leite Locca

Em "Despedida", Sol Negro e noite abissal nos proporcionam uma sequência dialógica de considerações, reflexões e confissões de duas grandes amigas sobre a vida, a morte, a transformação e a transmutação da experiência humana. Este diálogo é elaborado não só pelo verbal e o performático, mas também por meio da interferência musical e a forte presença de uma construção visual complexa e carregada pelo simbólico, através da dimensão cenográfica e da incorporação de técnicas de projeção e do audiovisual.

No corpo do trabalho, a palavra "morte" é articulada centralmente, morte essa que habita nossa significação social como o mais negativo dos elementos, o que mais tememos, o que mais evitamos, aquilo que mais nos aflige. Devido à mobilização central desta palavra para o texto, talvez esse espetáculo poderia se chamar "Morte". À primeira vista seria um título adequado, porém, a escolha da palavra "Despedida" e não outra em seu lugar, nos indica uma reflexão importante acerca do tema: o que tememos de fato não é a morte, é a despedida. A morte quando vista na televisão, na internet, nos jornais, costuma nos atingir com uma banalidade corriqueira, a vemos todos os dias no mundo todo ao nosso redor sem maiores incômodos: porém, são as despedidas que verdadeiramente nos derrotam. O título proposto por Sol Negro e noite abissal vai ao cerne da questão: é ao nos despedirmos de alguém, de alguma coisa, ou mesmo de algum lugar, que sentimos o que há de pior na vida, o fim do que nos era importante, afinal não nos despedimos daquilo que não nos importa, o ato de despedir-se prevê uma urgência naquela relação, nos despedimos daquilo que nos é, de alguma forma, insubstituível.

Numa investigação simbólica que parte dessa provocação, o espetáculo articula reflexões que circundam o sentimento da despedida para eventualmente aproximar-se do centro desta experiência humana. Partindo do movimento, palavra que o texto mobiliza como signo central da vida, sinal maior do viver de uma entidade, aos processos de transformação na relação interpessoal, o espetáculo atravessa o limiar da teatralidade e do próprio encenar, atingindo a própria personalidade da íntima relação entre Sol e noite abissal, que nos entregam no clímax da peça uma troca de agradecimentos, um ato de gratidão pela amizade até então cultivada.



Neste trecho as duas se dirigem uma à outra com a voz suave, e não ao público, que deixa de tornar-se o outro primário dessa relação: o espetáculo portanto abarca em si uma dimensão ritualística da celebração dessa amizade.

“Despedida” parece tomar para si como tema central, não apenas o ato de despedir-se, mas também a profunda relação cultivada entre essas duas pessoas, e mais ainda, articulado na forma de um ritual para a celebração dessas existências que se cruzaram. Por esta articulação central, “Despedida” nos proporciona uma experiência singular: uma janela direta para relações humanas potentes, porém, aqui em especial, reais e espontâneas. De alguma forma, podemos dizer que este espetáculo consegue abarcar em si uma dimensão quase documental, explorando uma dimensão para além do imaginar, alcançando uma verdade singular. Da mesma forma que, por exemplo, o cinema de documentário busca, muitas vezes, revelar momentos humanos em sua genuína espontaneidade, frente à opção do encenar que povoa o cinema ficcional, “Despedida” consegue promover algo similar, na tenra troca de gratidões presentes num momento central da obra.

Retornando ao título, chama atenção a falta de uma despedida clara na obra, do que estamos nos despedindo, o que acabou? Como refletimos, não nos despedimos de qualquer coisa, o ato de despedir-se é antecedido, necessariamente, por alguma importância naquilo que finda: esta obra, portanto, consegue evidenciar essa centralidade, manifestar essa urgência mesmo, que reside na relação entre Sol e noite abissal. Para nós a despedida é o final do espetáculo, para elas, a despedida também chegará um dia, ninguém sabe como e ninguém sabe onde.

\* Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “*Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar*”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martínez Corrêa \*

Apoio:



Parceria:

Realização:

Secretaria Municipal de Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal de Araraquara